

## **INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA NA CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM INDÍGENA NO MS**

*Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi (UNIGRAN)*

[sgarbi@unigran.br](mailto:sgarbi@unigran.br)

*Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo (UNIGRAN)*

O presente trabalho pretende realizar uma leitura acerca dos discursos que constituem a imagem do indígena e fomentam o imaginário social em relação ao mesmo na sociedade brasileira, mais especificamente, nas aldeias do município de Dourados (MS). Para a reflexão, traremos o enunciado: “As crianças da aldeia não nascem espertinhas como as da cidade”, presente na narrativa de uma professora indígena ao se referir à capacidade intelectual dos alunos indígenas de sua comunidade. O trecho narrativo é um recorte do trabalho desenvolvido por Figueiredo (2013) nas escolas indígenas do referido município. Como base teórica para esse trabalho, nos pautamos nas concepções da análise do discurso de linha francesa, mais especificamente de Pêcheux (1995), no que tange à questão de interdiscurso e memória discursiva (1999), por entendermos que os dizeres da atualidade estão atrelados a outros discursos constituídos ao longo da história. Desse modo, esses discursos constituintes sugerem haver uma linha imaginária que define os lugares e imagens sociais. Nesse sentido, buscamos como pano de fundo, o texto – “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes” do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, por entender que o mesmo possibilita uma visualização da existência de uma divisão radical da realidade em “deste lado da linha” e “do outro lado da linha” que relega o outro lado à inexistência, invisibilidade e exclusão (SANTOS, 2010, p. 23). Nesse sentido, considerando a perspectiva de entremeio da análise do discurso, tentamos trazer para a discussão as origens desses discursos circulantes na atualidade, que visam à naturalização da imagem de um índio incapaz.